

“MACHISMO E SEXUALIZAÇÃO NA MÚSICA “LÔRABURRA” DO GABRIEL O PENSADOR”

Dhara Jully de Sousa Marinho
Felipe Matheus Silva Alencar
Isabel Cristina Pereira Martins

Universidade Estadual do Ceará- Uece (<http://www.uece.br/uece/>)

RESUMO

O presente estudo propõe-se analisar a letra da música "Lôraburra" do rapper brasileiro Gabriel o Pensador, do ano de 1993. Temos como objetivo principal esclarecer o motivo de essa música ter se tornado tão popular e de ter sido aceita, mesmo com opiniões contrárias à sua letra, e com a presença de manifestações machistas e sexistas ao decorrer dela, que vamos perceber através de termos linguísticos que denotam machismo. Teremos como embasamento teórico as noções de texto como evento comunicativo abordado por Luiz Antônio Marcuschi; o estudo do gênero por Simone de Beauvoir; o fenômeno da referenciação, com as autoras Mondada e Dubois e por último, o estudo comparativo social em relação aos gêneros de Judith Butler. Ao final de toda a análise da letra da música, obtivemos como resultado a comprovação de que existem, sim, estes termos misóginos e totalmente machistas e que, para algumas pessoas, ainda assim a música é considerada o retrato das mulheres nacionais, mesmo a música tendo sido escrita vinte e quatro anos atrás. Entendemos que tais resultados mostram que a cultura machista vem se disseminando desde sempre e isto se tornou algo normal em nosso país. Tal cultura, faz com que a mulher sempre seja vista como alguém sem valor e de total ignorância. Faz também com que letras como a da música "Lôraburra" sejam consideradas o retrato das mulheres tanto de antigamente como as dos tempos atuais, vistas pelo homem, como "mulher-objeto". E que, no próprio clipe da música, as mulheres tratam do assunto machista presente na letra com naturalidade e normalidade.

PALAVRAS- CHAVE: Machismo, Sexismo, Música, Nacional, Mulher.

1. Introdução

Partindo do ponto em que a referenciação diz respeito ao trabalho sociocognitivo feito pelo indivíduo para se chegar a determinados objetos discursivos ou objetos mundanos, e que o contexto em que o discurso é ancorado é de grande valor para qualquer análise sociocognitiva, percebemos que na música *Lôraburra*, do rapper Gabriel, o Pensador, existem termos e expressões que denotam a falta de respeito e cuidado para com o sexo feminino e tudo o que lhe diz respeito.

Seguindo a linha de raciocínio de autores como Mondada e Dubois ([1995] 2003), consideramos que a referenciação é um fenômeno que compreende o caráter dinâmico existente no processo de se referir a algo. Destacamos, então, a ideia de que os sujeitos se envolvem de forma ativa em interações linguísticas para apresentar reelaborações de suas percepções do mundo. Isso significa que os sujeitos estão indiscutivelmente envolvidos na ação de referir.

Para Marcuschi (2007, p. 17), a coerência não é algo que pode ser identificado ou apontado somente na materialidade linguística, “como se ela fosse uma propriedade textual, mas é o fruto de uma atividade de processamento cognitivo altamente complexo e colaborativamente construído”. Partindo desse significado de coerência dado pelo linguista, tentaremos entender como os sentidos são construídos na música em questão com letras machistas e sexistas que alcançaram tanto sucesso no Brasil, principalmente entre pessoas do gênero feminino, que parece ser o mais afetado por esse gênero musical.

Ainda com base no pensamento de Marcuschi sobre coerência, vimos que esta é a base da percepção e do entendimento do que acontece ao nosso redor. É por meio dela que construímos um sentido possível para determinada situação ou fato. Entenderemos aqui a coerência como um fator socialmente construído e não como algo já dado no texto ou discurso. Isso porque se escutarmos, por exemplo, no meio de um diálogo uma frase solta como “azul sempre será melhor. ”, provavelmente não entenderemos seu significado, pois não estamos inseridos no contexto desse discurso. Ou seja, para nós, não fará o menor sentido. Entretanto, se levarmos em conta o contexto em que a fala foi produzida, ela começa a ser coerente para nós. Estar cientes do contexto discursivo, assim como infere Marcuschi, nos permite ver a coerência como algo dinâmico e não imóvel, pois ela é construída a cada novo diálogo e uso de palavras em diversos contextos.

Tomando ainda como base o pensamento do autor que o conhecimento de que somos seres construídos colaborativamente pelas relações que estabelecemos com os outros e com o mundo, podemos perceber o uso de inúmeras expressões linguísticas que nos permitem entender o porquê de a música de Gabriel, o Pensador ser considerada uma manifestação machista e sexista, extremamente fora dos padrões. Dessa forma, temos como objetivo discutir, através da análise de estrofes da música, os sentidos produzidos pelo uso de termos misóginos que se popularizaram na nossa cultura.

2. Metodologia

Para cumprir esse propósito, tomaremos como referencial teórico a noção de texto de Beaugrande (2012), de coerência de Marcuschi (2000) e a noção de referenciação de Mondada e Dubois (2003). Como metodologia, utilizaremos de análise, entrevistas e dos estudos em Linguística Textual. Organizamos este artigo da seguinte forma: parte um, análise do *corpus* de pesquisa (texto da música *Lôrraburra* de Gabriel, o Pensador); Na última seção, concluímos com nossas considerações finais.

3. Análise

Nossa análise utilizará como corpus a letra da música (em trechos) para que, com base nos autores que nos embasam teoricamente, possamos explicar através do fenômeno da referenciação, o porquê de a música “*Lôrraburra*” mesmo contendo termos explicitamente machistas, se difundiu tanto nos índices de aceitação da sociedade.

3.1 Análise da música *Lôrraburra*

Para iniciarmos a análise, é essencial ter como base a ideia de texto como um evento comunicativo que congrega ações cognitivas, sociais e linguísticas (BEAUGRANDE, 2012), já que quando Gabriel, o Pensador fala em sua música *Lôrraburra*, “eu prefiro mulher de verdade”, vemos uma gafe de convênio social, antropológico e linguístico, por um simples motivo, um indivíduo do sexo masculino querendo determinar o que é ser mulher. Isso nos lembra, por exemplo, a teoria de Freud em sua fala sobre a primazia do falo (FREUD, 1924) e a determinação dos gregos ao dizerem que as mulheres eram opostas ao homem por causa da ausência do Falo, ou, algo mais atual, a demonização de mulheres com calça, ou seja, o fato de o uso dessa peça conferir às mulheres o título de lésbicas, como se a roupa fosse um elemento determinante para a sexualidade. Em 1852 a feminista Amelia Bloomer, escreveu em seu jornal de cunho feminista que as vestimentas femininas fossem modificadas, pois eram muito complexas, sugerindo o uso das calças. A música *Lôrraburra* não se distancia de tais preceitos, já que vemos um discurso agressivo em relação ao sexo feminino. No início da quinta estrofe, vemos a determinação do cantor em dizer que mulheres e lojas são sinônimas. Em outras palavras, para o músico, ser mulher equivale a ser consumista.

Ideias banais e como dizem os Racionais:
(Mulheres vulgares
Uma noite e nada mais)
Lôrraburra você e vulgar sim.
(Gabriel, o Pensador, 1993)

A intertextualidade estabelece-se com outra música d'Os Raimundos, grupo musical cujas ideias não se diferenciam das disseminadas no texto de Gabriel, uma vez que muitas delas são machistas, desrespeitosas. Julia Kristeva nos ensinou bastante sobre a intertextualização e os textos como mosaicos de outros textos. Podemos assim, tentar inferir que estes dois textos são intertextuais, pois são conectados pelas mesmas expressões machistas. Assim, vemos que as referidas músicas se conectam, visto que ambas promovem a objetificação da mulher, e fazem delas piada social. Com isso, o autor esconde tais privilégios, como, por exemplo, é citado por Saffioti e Almeida (1995, p. 130): “se a ordem social é falocêntrica, a transgressão masculina reforça o falo-logo-centrismo”. Com base nesse excerto, podemos colocar a nossa crítica contra esse mundo machista e sexista que Saffioti e Almeida (1995) já nos apresentava ao enunciar este pensamento em relação a ordem patriarcal na qual estamos inseridos. Assim, situando-nos nessa problematização de que o machismo é algo culturalmente propagado e é de fato um problema, observamos que uma mulher é estuprada a cada onze minutos e cinco mulheres são espancadas a cada dois minutos no Brasil (FPA/SESC, 2010).

Mesmo com esses dados, a música que analisamos contém essas manifestações machistas e sexistas, mencionadas acima. Esta música é tratada como se no conteúdo não houvesse nada de mais, como se nela, não existissem referências misóginas, e como mencionado em alguns comentários presentes no clipe da música no YouTube, quem considera essa música machista é tido como “*Lôraburra*”

Analisemos a primeira parte da música.

“Existem mulheres que são uma beleza
Mas quando abrem a boca
Hmm que tristeza!
Não não é o seu hálito que apodrece o ar
O problema é o que elas falam que não dá pra aguentar” Nada na cabeça
Personalidade fraca
Tem a feminilidade e a sensualidade de uma vaca
Produzidas com roupinhas da estação
Que viram no anúncio da televisão
Milhões de pessoas transitam pelas ruas mas conhecemos facilmente esse tipo de perua
Bundinha empinada pra mostrar que é bonita
E a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta”

Gabriel é nomeado por muitos, um grande rapper e compositor, por sempre ser crítico pelo que escreve e por abordar várias questões emblemáticas da sociedade brasileira. Porém, a forma que ele se expressou na referida música acima é abusiva e, não agradou a muitos, e com motivos. Ele cita que existem mulheres burras, que são consideradas bonitas, porém, ao dialogar, são completamente ignorantes. Como afirma Bakhtin (1929, p.123) a linguagem é “um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais”

O cantor chega a comparar a feminilidade e sensualidade das mulheres com uma vaca e critica seus modos de se vestir. E mesmo a música não sendo tão atual, ainda existem homens que possuem esses mesmos pensamentos, dando mais força ainda à mensagem que a música passa. Sendo assim, é importante destacarmos que os gêneros

textuais, é que a sociedade produz, é a cultura, a época em que se vive. (Beaugrande 2012)

“Elas estão em toda parte do meu Rio de Janeiro
E às vezes me interrogo se elas tão no mundo inteiro
À procura de carros
À procura de dinheiro
O lugar dessas cadelas era mesmo no puteiro
Só se preocupam em chamar a atenção
Não pelas ideias, mas pelo burrão
Não pensam em nada
Só querem badalar
Estar na moda tirar onda beber e fumar
Cadelinhas de boate ou ratinhas de praia
Apenas os otários aturam a sua laia
E enquanto o playboy te dá dinheiro e atenção
Eu só saio com você se for pra ser o Ricardão”

Além da comparação com vacas, são comparadas também com cadelas e ratinhas. E mesmo com esse tratamento desrespeitoso ao gênero, ainda há quem diga que “é só uma crítica”, como os fãs, que defendem o Rapper. Mas esse trecho da música “Produzidas com roupinhas da estação, que viram no anúncio da televisão” deixa claro que o sexo o qual ele critica, só serve para promover a “moda da estação”, só serve como objeto do mercado e como objeto sexual. Contrária a esse posicionamento do cantor, Beauvoir, em sua obra *O segundo Sexo*, diz não acreditar que:

[...] existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.
–(BEAUVOIR, ano, p.205).

De modo geral, observamos que quando queremos chegar a determinado ponto, caracterizando-o, utilizamos de associações de proximidade para alcançar um determinado objeto do discurso, a isto, chamamos de referência. Essas associações são construídas na intersubjetividade das negociações, pois, segundo Mondada e Dubois (2003, p. 20), mencionando Rastier (1994, p. 19), “a referência é a relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado.” Ou seja, para que haja referência, deve haver uma relação entre o texto e os usos discursivos.

Baseados nesse posicionamento de Mondada e Dubois (2003), observamos que na música *Lôraburra*, de Gabriel, o Pensador, há a presença de expressões que carregam um sentido pejorativo de forma clara e explícita, como o próprio título “*Lôraburra*” ou termos como “mulher-objeto”, “cadelas” e “vacas”. A sociedade na qual estamos inseridos disseminou termos maldosos para se referir às mulheres. Segundo Bourdieu “a violência simbólica somente pode ser realizada “com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU; 1989:7-8). Voltando à música, verificamos que o machismo não para no título, como mencionamos anteriormente.

“Não eu não sou machista
Exigente talvez
Mas eu quero mulheres inteligentes
Não vocês
Vocês são o mais puro retrato da falsidade
Desculpa amor
Mas eu prefiro mulher de verdade

Nos versos acima, percebemos a voz de um homem tentando inutilmente não parecer machista. Porém, os trechos que subseguem essa tentativa a contradizem totalmente.

E o seu jeito forçado de falar é deprimente
entendi seu problema
Vocês tão muito carentes
eu só vou te usar
Você não é nada pra mim”

Partindo novamente das ideias acerca do processo de referenciação, que é fundamental na compreensão da coerência desse texto analisado, nos questionamos sobre qual seria o conceito de “mulher de verdade” para o homem. Será que são mulheres que satisfazem seus prazeres sexuais e depois o deixam em paz? Que são somente escravas do sexo? Ao analisarmos conjuntamente a letra e o clipe da música, alinhados com o posicionamento de Marcuschi (2007 p. 13) de que “a coerência não é algo que pode ser identificado ou apontado localmente no texto, como se ela fosse uma propriedade textual, mas é o fruto de uma atividade de processamento cognitivo altamente complexo e colaborativamente construído”, observamos que, no trecho “*mas eu prefiro mulher de verdade*”, o autor responde a esses questionamentos com a cena em que um casal de atores simula a realização do sexo oral.

Para nós, isso parece ser a intenção do autor. Ao realizar o discurso dessa forma, ele quis transmitir a sua visão machista do que seria uma mulher ideal, sendo esta, a sua referência. Mas como a coerência é de fato algo construído colaborativamente, começamos a tentar entender por que para algumas pessoas essa letra é aceitável, pois para elas a letra é coerente com seu referencial .

Outro trecho importante para a análise vem logo a seguir.

(Hmm meu amor Foi bom pra você?)
...Ah deixa eu dormir
Pra que dar atenção pra quem não sabe conversar?
Pra falar sobre o tempo ou sobre como estava o mar? Não
Eu prefiro dormir
Sai daqui
Eu já fui bem claro, mas vou repetir
E pra você me entender vou ser ate mais direto:
Lôrabúrra, cê não passa de mulher-objeto”

Nesse trecho, de forma mais direta, o homem da música expressa seu ponto de

vista em relação à mulher. Ao usar o referente “mulher objeto”, vemos que ele cria uma imagem da mulher muito disseminada cotidianamente. Trata-se da mulher vista como um ser sem valor, um ser inferior ao homem, o que deixa bem claro o teor machista dessa segunda estrofe da música e reitera o pensamento de Bourdieu que o machismo é uma violência simbólica, e se ele fosse visto como uma verdadeira violência, ele não existiria.

Na terceira estrofe, vemos representada uma realidade pouco distante da que vivemos, a realidade que busca um padrão. Segundo esta realidade, todos somos moldados por um mesmo modelo e devemos segui-lo. A mulher deve ser aquela da capa de revista: magra, alta e com curvas. Pensamento que disseminamos ao longo de décadas.

Se observarmos o trecho: “*Lôrraburra você é vulgar sim, seus valores são deturpados você é leviana*”, vemos que a palavra “leviana” é utilizada como uma ofensa, que coloca essas mulheres como sujeitos imprudentes por simplesmente serem quem são.

Na quinta estrofe, ele tenta instaurar novamente o valor de mulher, algo que nem mesmo a filósofa Simone de Beauvoir, com seu estudo sobre o gênero nos ensinando sobre o feminino em seu livro *O Segundo Sexo* (1949), no qual enuncia que “Se hoje não há feminilidade, é porque nunca houve” (BEAUVOIR, 1949, p. 14). A autora falava que se hoje o ser feminino não existe, então é porque nunca existiu.

No dicionário Gamakury, o termo *Generalização* determina uma “vulgarização, uma estereotipização de um grupo, classe, etc.” (2002, p.521), como na última estrofe da música, em que o autor afirma que a cor do cabelo define se uma mulher é “lôraburra” ou não. Na análise das entrevistas realizadas obtivemos alguns pontos concludentes sobre a música e os comentários, por exemplo, observamos mais três pontos: o primeiro, o fato de que o cantor, que se diz pensador, querer moldar uma classe de mulheres, por simplesmente estas não quererem ser moldadas por uma sociedade patriarcal; o segundo, o fato de utilizar a cor de cabelo loiro e fazer uma perseguição direta à mulher com essa cor de cabelo, ocorrendo, assim, a discriminação de todas as mulheres com cabelos loiros: e o terceiro, a questão de conferir essa nomenclatura somente às mulheres, o que demarca o nível de superioridade do cantor que se julga maior que essas mulheres.

Seria necessário enumerar todos os casos em que os homens mais bem-intencionados (a violência simbólica, como se sabe, não opera na ordem das intenções conscientes) realizam atos discriminatórios, excluindo as mulheres, sem nem se colocar a questão, de posições de autoridade, reduzindo suas reivindicações a caprichos, merecedores de uma palavra de apaziguamento ou de um tapinha na face, ou então, com intenção aparentemente oposta, chamando-as e reduzindo-as, de algum modo, à sua feminilidade, pelo fato de desviar a atenção para seu penteado, ou para tal ou qual traço corporal, ou de usar, para se dirigir a elas, de termos familiares (o nome próprio) ou íntimos (“minha menina”, “querida”, etc.) mesmo em uma situação “formal” (uma médica diante de seus pacientes), ou outras tantas “escolhas” infinitesimais do inconsciente que, acumulando-se, contribuem para construir a situação diminuída das mulheres e cujos efeitos cumulativos estão registrados nas estatísticas da diminuta representação das mulheres nas posições de poder, sobretudo econômico e político. (BOURDIEU, 2012:p. 74-75)

Conclusão

Pela observação dos aspectos analisados e tendo como objetivo principal esclarecer o motivo de essa música ter se tornado tão popular e de ter sido aceita, mesmo com opiniões contrárias a sua letra, percebemos a presença de manifestações machistas e sexistas ao decorrer da letra. Tais manifestações, como mostradas na primeira parte da análise, são colocadas de forma explícita e direta, apresentando termos que se referem diretamente a mulher como a um ser de menor valor do que o homem. Como por exemplo no próprio título da música “Lôraburra” onde o gênero é o que define a inteligência do ser em questão, no caso o ser mulher.

Podemos assim concluir que, dados os referentes, a letra da música é sim de teor machista e sexista para alguns observadores e não para outros. Pois, estes vêm disseminando uma cultura que trata a mulher como inferior, desde os tempos mais antigos. Tal cultura, faz com que a mulher sempre seja vista como alguém sem valor e de total ignorância. Faz também com que letras como a da música “Lôraburra” sejam consideradas o retrato das mulheres tanto de antigamente como as dos tempos atuais, vistas pelo homem, como “mulher-objeto”.

REFERÊNCIAS

Algumas Considerações sobre a Problemática do Falo em Freud e Lacan - https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29070/29070_3.PDF Acesso em:24 Jun. 2017.

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society.** Norwood, New Jersey: Ablex, 1997. Disponível em: http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm. Acesso em 20 dez. 2005. ISBN 1-567-50278-4

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

_____. **O poder simbólico.** Lisboa: DIFEL, 1989.

<http://www.naomekahlo.com/single-post/2017/01/16/%C3%89-s%C3%B3-uma-brincadeira-o-machismo>

Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido - <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5360> Acesso em:24 Jun. 2017.

Estudos Qualitativos e Psicossociais- <https://estudosqualitativos.wordpress.com/clinica-psicanalitica/o-falo-a-falta-e-adesilusao-causada-pela-psicanalise/> Acesso em: 21 Jun. 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Coerência e cognição contingenciada.** In: Barros, Kazue Saito Monteiro de. (Org.). Produção textual: Interação, processamento, variação. 1ed.Natal: Editora da UFRN, 1999, v. , p. 111-130.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. **Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência.** In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). Referência. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995.

SCIELO-http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000200
Acesso em: 18 Jun. 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.